

PSICOGÊNESE X ABORDAGEM HISTÓRICO CULTURAL: ANÁLISE COMPARATIVA DA ESCRITA PELA CRIANÇA

Renata de Souza Queiroz

Graduanda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
renata.souza.12@hotmail.com

Maria Lourena de Queiroz

Graduanda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
lourenaqueiroz4@gmail.com

Maria Miraíre Pereira Silva

Graduanda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
miraire@hotmail.com

Francicleide Cesário de Oliveira Fontes

Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
fran.cesario@hotmail.com

RESUMO: A aquisição da escrita, pela criança, está muito presente nas discussões teóricas do campo da Pedagogia, tanto durante o processo de formação inicial do professor quanto no período de atuação profissional. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo compreender a existência de diferenças significativas na apropriação da linguagem escrita pela criança entre as teorias Psicogênese e da Abordagem Histórico-Cultural, comparando a classificação dessas escritas. A metodologia para a construção deste trabalho, baseia-se na pesquisa qualitativa, com pesquisa de campo, usando a observação livre e aplicação de experimentos, para construir os dados e analisar os níveis de aquisição da escrita de crianças, em período de alfabetização escolar (crianças entre 4 e 5 anos que estão terminando a pré-escola e migrando para o 1º ano) mas que ainda não estejam alfabetizadas completamente. Na observação livre, o propósito foi observar as crianças em situações cotidianas de uso da escrita, como a elas se relacionam com a escrita no seu espaço doméstico, já nos experimentos foi mediar algumas atividades escritas realizadas juntamente com as crianças. Com base nas observações e experimentos, foi possível perceber que a aquisição da escrita pela criança se dá de diversas formas e é um processo instável que, por vezes, há crescimento em certos aspectos e demora em outros.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da escrita. Psicogênese. Abordagem Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo amplo e complexo, abrange diversos sujeitos que se desenvolvem de diferentes formas, em diferentes níveis, contextos sociais e por influência de diversas pessoas, desse modo distingue-se e personaliza-se o jeito de aprender. Tendo em vista essas considerações, Emília Ferreiro, psicolinguística argentina e Alexander Romanovich Luria, neuropsicólogo russo, realizaram pesquisas no campo da alfabetização, e essas pesquisas exerceram e ainda exercem grande influência sobre a prática dos professores alfabetizadores e demais especialistas que atuam na área. Ferreiro teve como influência os

postulados do biólogo Piaget e da Psicogênese, Luria partiu pela linha de pensamento de Vygotsky e da Abordagem Histórico-Cultural.

A partir disso, tomamos como base os postulados de Ferreiro (2001) e Luria (2006) para realizarmos nossa pesquisa e análise das escritas, com o intuito de buscar compreender mais a fundo como se desenvolve a escrita na criança, e, assim, termos algumas conclusões sobre esse aspecto tão relevante para nossa formação. Para tanto, explanaremos as observações e análises das escritas das crianças que ainda não estão completamente alfabetizadas, discutindo e confrontando os dados obtidos.

MATERIAL E MÉTODOS

Tomamos como método, inicialmente, a observação livre, tanto do contato com o material escrito, quanto da produção escrita. As crianças, inicialmente, foram observadas estando em contato com o material escrito, foi disponibilizado o material (livros infatis, cartilhas educativas, etc.), para deixarmos as crianças a vontade para pegá-los, observa-los da maneira que quisesse.

Depois de feita essa observação inicial, pedimos a um adulto ou responsável que convivesse com ela para que perguntasse algo sobre o material (o que achou, se gostou, etc.). Em seguida foi entregue as crianças folhas, lápis de colorir e pincéis para que pudessem produzir livremente, deixando-as assim por tempo indeterminado, enquanto isso, as questionávamos sobre suas produções.

Para finalizarmos as observações pedimos para que as crianças escrevessem algumas coisas influenciadas por nós, mas que fossem coisas que fizessem parte do cotidiano delas, desde seus nomes até coisas que gostam, com a premissa de que dessa forma seria mais gratificante para elas e se sentiriam mais à vontade para fazer tal coisa, além disso pensamos que dessa forma haveria menos recusa das crianças em escrever.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a pesquisa, observamos 2 crianças, as quais nomearemos através de pseudônimos, sujeito A e sujeito B. A primeira observação do sujeito A. foi realizada em sua casa e a segunda observação aconteceu na casa de uma colega dela, já a observação do sujeito B. foi realizado na casa dos avós maternos da mesma.

Primeira Observação da Escrita de A.:

Quando observamos o contato do sujeito A. com objetos escritos, esta estava com a mãe, observando-a, havia diversos livros cartilhas, revistas em quadrinhos, etc. ao seu alcance, ela se mostrou surpresa, inicialmente hesitou em pega-los, apenas ficou fitando-os de longe, em pouco tempo ela resolve pegar os livros e colocou todos no colo e optou por ver aqueles que tinham mais figuras e eram mais coloridos.

Depois de observar o contato com os objetos escritos, pedimos para ela fazer um desenho, inicialmente ela não queria fazer, mas depois resolve fazer. De início deixamos que ela desenhasse livremente, para poder observar como ela interagia com os objetos, que marcas produzia e de que forma o fazia. Demonstrou ter boa coordenação motora, produziu traços bem definidos, com significação.

Primeiro ela desenhou uma casa, depois desenhou outra casa com uma nuvem e um sol ao redor e uma menina. Perguntamos quem era a menina e porque ela havia a desenhado, ela nos explicou que havia desenhado a irmã porque a ela também costuma dar lápis e folhas para ela desenhar e livros para ver.

Depois de observarmos o seu desempenho escrito sem nosso intermédio, passamos a pedir, sutilmente, para escrever algumas coisas. Escreveu o seu nome, pedimos para escrever o nome da irmã, mas não quis escrever o nome da irmã, nos disse que não sabia, explicamos para ela que escrevesse como ela achava que se escrevia, mesmo assim não quis escrever. Escreveu o nome da mãe com ajuda dela, comentou que sabia o da mãe porque começava e terminava igual ao dela, em seguida escreveu o nome da escola em que estuda, mas esqueceu algumas letras do nome da escola, nos explicou que não lembrava direito porque fazia tempo que as aulas tinham acabado e não tinha mais escrito.

Mais a diante pedimos para ela escrever o nome cavalo, solicitado por nós (cavalo > VAEBULAMNCO), depois passou a escrever coisas que gosta, a cor que mais gosta (rosa > OMARVONCOVID), a fruta que mais gosta (maça > AOMUEVBMCO), o nome da melhor amiga (Giovana > OVOMARIA VUED). Quando pedimos para que ela escrevesse o nome do brinquedo que ela mais gostava, ela fez primeiro o desenho da boneca, em seguida pedimos para que ela colocasse o nome ao lado da boneca (MVONARIAUNIBDELV).

Segunda Observação da Escrita de A.:

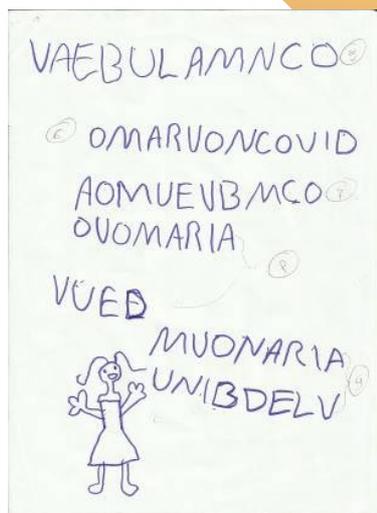
A segunda observação de A. aconteceu na casa de uma coleguinha dela. Perguntamos se ela lembrava das sentenças que havia escrito no outro dia, para nós, ela nos respondeu que sim. De fato, lembrou de quase todas as sentenças, esqueceu apenas do nome da amiga (Geovana) e o animal (cavalo). Nós a lembramos dessas palavras, porém ela nos disse que tinha escrito o nome da amiga mas tinha certeza que não tinha escrito cavalo da outra vez. Também perguntamos se ela se lembrava o que significava cada sentença na folha, o que era cada palavra no papel, ela nos disse que não, nós a estimulamos a tentar e dissemos que ela podia dar mais uma olhada para tentar se lembrar o que era o que naquela folha, ela olhou por alguns segundos, mas nos disse que não sabia.

Pedimos para ela escrever cavalo, já que ela achava que da outra vez não tinha escrito, ela nos perguntou se queríamos que ela escrevesse a palavra ou o nome cavalo, então nós dissemos que ela poderia fazer os dois. Ela escreveu as mesmas coisas da outra observação, o nome da escola, seu nome, o nome da mãe, quando foi escrever o nome e palavra cavalo como nos disse, ela escreveu e riscou as letras duas vezes, o que nos leva a pensar que ela não viu a escrita apenas de forma externa, ela refletiu sobre como escrever, só depois escreveu (o nome cavalo > PAPEUEVDICUE e a palavra > AEVIA).

Em seguida, ela passou para o final da folha, escrevendo de baixo para cima, escreveu a cor que mais gosta (rosa > ARIAUEIPVDEIVCAMNCIUD), depois a fruta que mais gosta (maça > AVEIPEVDEVEVXO [letra inventada]), depois escreveu o nome da amiga (Geovana > MUAXDICVEICVO [letra inventada] VUEIUEV) nos mostrou, e nos disse: “ta vendo? É assim!”. Depois escreveu o brinquedo que mais gosta, disse que tinha que desenhar primeiro e depois escrever (boneca > UAVESEVUXSADEIM).

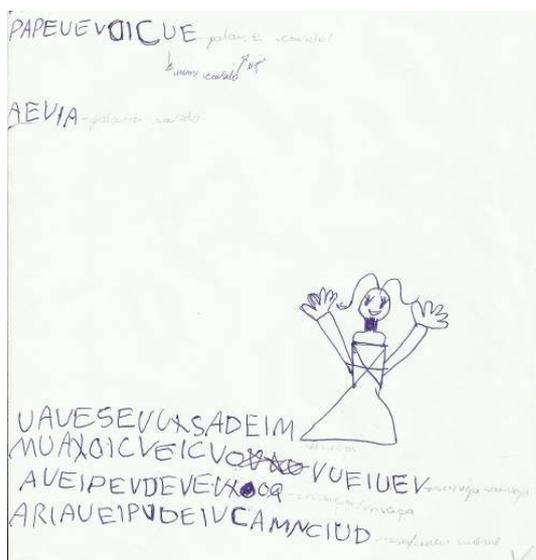
Para finalizar, perguntamos o que era cada coisa na folha que ela havia acabado de escrever, ela lembrou a sequência de quase tudo, mas dessa vez falou a mesma coisa para o que ela anteriormente havia dito que era a palavra cavalo e nome cavalo e não lembrou da cor, onde havia escrito a cor disse depois que era o nosso nome.

Figura 1 – Escrita da Primeira Observação de A.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Figura 2 – Escrita da Segunda Observação de A.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Análise das escritas de A.

Tomando por base os pressupostos de Ferreiro (2001), a partir da psicogênese, A. demonstrou que ao escrever tem noção da representação icônico e não-icônica, apesar de sempre achar que tinha que desenhar a boneca antes de escrever, talvez porque ela pense que para ela e para qualquer outra pessoa será mais fácil reconhecer o que ela escreveu se ela desenhar também. Sua escrita demonstra ter diferenciação interfigural e intrafigural, tendo em vista que varia tanto no número de letra, quanto no tipo de letra e na ordem em que coloca as letras. No que diz respeito aos aspectos gráficos como traço de qualidade, já tem traços bem definidos e letras legíveis, tem alguma noção das orientações das margens e distribuição espacial da folha pois sempre começa na parte superior da folha e na margem e

porém, na última observação mudou a ordem e a sequência das palavras na folha, escreveu algumas letras inventadas, mas só em algumas palavras e não escreveu letras inversas, parece saber a orientação dos caracteres ou rabiscos. Podemos dizer então que ela se encontra no nível pré-silábico, com letra convencionais e inventadas além da variação intra e interfigural. Também já representa o que quer com desenhos ou rabiscos, no que diz respeito aos aspectos construtivos.

Do ponto de vista da abordagem histórico-cultural A. e Luria (2006), criou um sistema de auxílio técnico diferenciado a memória quando escreveu as sentenças na segunda observação, apesar de ela ter esquecido duas sentenças, as demais ela lembrou, rigorosamente, além disso se apropriou dos desenhos para facilitar a memorização e a localização das palavras, sendo assim usou elementos pictográficos e marcas simbólicas como meio para a memorização. Os signos e desenhos serviram para guia-la em sua recordação, funcionaram como uma sugestão ou mais que isso, um reflexo, porém, para nós, não nos dá nenhum palpite do que significa cada uma sentença.

Já as sentenças do primeiro experimento que fizemos com A., demonstrou que a longo prazo o que ela escreveu não tinha ajudado muito a ela a recordar as sentenças, tendo em vista que ela lembrou de quase todas as sentenças que tinha escrito, mas não conseguiu identifica-las, não sabia o que cada palavra no papel queria dizer, independente do que tivesse escrito, sendo assim só empregou a escrita simbólica externamente.

Observação da escrita de B.:

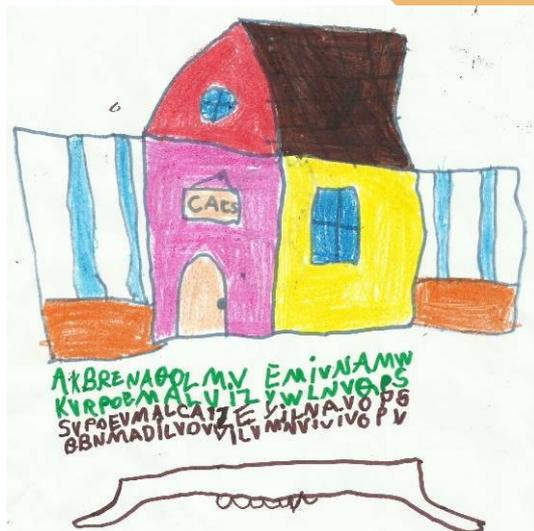
Quando observamos B., ela estava na casa dos avós maternos, brincando com seu primo, fazendo contas operacionais (adição, subtração, divisão, multiplicação) mentalmente, sem uso de materiais (calculadora, lápis, papel), um desafiando o outro a responder as contas que cada propôs. Como nas outras observações, dispusemos a ela diversos livros, cartilhas, revistas em quadrinhos, etc. Deixamos os livros na sala, só depois chamamos ela para ver, ela ficou impressionada com os livros e logo pediu para ver, pegar, olhar.

B. olhou todos os livros, assim como A., se deteve mais aos livros que tinham muitas figuras. Viu que seu primo estava lendo, ainda chegou a tentar a ler algumas palavras baixinho. Depois que cansou de ver os livros e suas imagens e seu primo ainda continuava a ler, parou de ver os livros e se deteve a observar seu primo ler. Perguntamos se havia gostado dos livros, nos respondeu que sim.

Em seguida passamos para a observação da escrita, B. ficou muito feliz com o material (papel, coleção e pincel) para escrever e não hesitou em desenhar. Demonstrou ter boa coordenação motora, usa letras legíveis, e em tamanho razoavelmente igual. Pegou os livros e disse que iria desenhar uma mulher do livro, começou muito bem, mas logo desistiu. Em seguida passou a desenhar uma casa, inicialmente disse que era casa de um colega; no final da observação disse que seria sua casa, depois escreveu o nome casa (cacs) dentro de uma plaquinha na casa. Logo a baixo escreveu um texto sobre a casa, assim como seu primo, escreveu um texto também, mas não quis nos explicar o que era. Também desenhou uma mesa na mesma folha.

Em seguida passamos para a escrita intencionalizada por nós. Pedimos para que fizesse seu nome, o animal que gosta (Bode > Brndere), só que nesse momento ela disse que não sabia escrever o nome do animal que ela mais gostava (Beija-flor), então seu primo sugeriu que ela escrevesse algum que ela soubesse ou que achasse fácil de escrever e ela resolveu escrever Bode (Brndere). Depois escreveu o nome da fruta que mais gostava (maça > ALlive), a cor que mais gosta (rosa > BVLivEL). O nome do brinquedo que ela não fez realmente o que mais gostava, nos disse que gostava mais de boneca, mas que só sabia escrever “certo” bola. Escreveu o nome da comida que mais gostava (macarrão > NOVMAi), o nome de pessoa que achava mais bonito (Wygna > WLNCEC), o nome da professora (Kaliane > KiaialE), o nome da melhor amiga ela também ficou na dúvida e disse que também não sabia fazer, resolveu colocar um dos nossos nomes (Lourena > FAEML). Quando pedimos para ela escrever a guloseima que ela mais gostava também optou pela palavra mais “fácil”, Bala. Escreveu o nome da mãe (Evelaine > MacoM), o objeto que mais gostava da sala de jantar em que estávamos (bebedor > BMaM ou BrraM), o nome do irmão (Anderson), e um dos nossos nomes novamente (Lourena > POLiRSMN).

Figura 3 – Escrita de B.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Figura 4 – Escrita de B.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Análise da Escrita de B.

B., de acordo com os postulados de Ferreiro (2001), mostra estar dominando o modo de representação icônico, pois apesar do desenho ser importante para reproduzem a forma dos objetos, ela entende que a diferença entre as marcas gráficas figurativas e as não-figurativas, já faz distinção entre o escrever e o desenhar, tanto que fez o desenho da casa e um texto sobre ela. Ela utiliza as letras convencionais, entretanto, não faz relação entre fonema e

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

grafema, todavia já faz uso das letras maiúsculas e minúsculas, mas de forma aleatória. Quanto aos aspectos gráficos, ela produz traços de qualidade, tem traços e letras legíveis, as orientações das margens e distribuição espacial da folha parece estar definida apenas ao que ela aprendeu na escola (seu nome), ao que pedimos para ela escrever de forma espontânea não obedeceu a mesma ordem, escreveu no canto superior direito, não escreveu letras inversas, e sabe a orientação dos caracteres ou rabiscos. Sendo assim, ela se encontra no nível pré-silábica com diferenciação interfigural e intrafigural.

Levando em consideração as conjecturas da Abordagem Histórico-Cultural e de Luria (2006), B. utilizou letras diferentes e por vezes maiúsculas e minúsculas para diferenciar sua escrita. Assim como A., B. entende que boa parte dos mecanismos da escrita, pois já tem domínio dos aspectos externos da escrita, criou um sistema de auxílio técnico diferenciado a memória quando escreveu as sentenças, entende que pode usar signos para escrever e lembrar de coisas, confia na sua escrita, mas não é totalmente capaz de usá-la. Ela usa os mecanismos da escrita simbólica, mas ainda não os assimilou completamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem não é feita de certezas, mas de inquietações, de crises e dúvidas que nos projetam às novas descobertas, que nos instigam a curiosidade e nos motiva a procurar, pesquisar, indagar, questionar, etc. Nesta constatação, observamos que na aquisição da escrita é necessário que seja incorporado como característica essencial, a atenção para cada sujeito. Observamos atentamente os processos de aquisição da escrita e identificamos que em seu desenvolvimento há evoluções, retrocessos e dificuldades.

Para tanto, cada educador deve ter consciência sobre sua inconclusão e a convicção de que não há um limite cognitivo, uma estabilidade, mas sucessivos progressos. Deste modo, é essencial que vivamos em constante formação e busca de saberes. As pesquisas de Ferreiro (2001) e Luria (2006) nos trazem grandes contribuições, por vezes se completam, por vezes se distanciam, mas que de certa forma se constituem em grande aliado para que possamos contribuir para a alfabetização das crianças.

REFERÊNCIAS

LURIA, A.R. O Desenvolvimento da Escrita na Criança. In: VIGOTSKII L.S et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006, p. 143-189.



VI Semana de
Estudos,
Teorias e
Práticas Educativas

VI SETEPE

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24. ed. Atualizada- São Paulo: Cortez, 2001.

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

r